O MÉTODO DA INTERSUBJETIVAÇÃO NO PENSAMENTO BRASILEIRO

Laurinda Carlota Benga[1]
Elizia Cristina Ferreira[2]

RESUMO

Este trabalho aborda o estudo da obra do professor Castiano, com foco na filosofia africana. Tem como objetivo estabelecer um diálogo com as produções de filosofia em língua portuguesa, visando inserir o pensamento brasileiro (e afro-brasileiro) no contexto de produção filosófica do países da CPLP e trabalhar na criação de espaços de intersubjetivação para saberes filosóficos em nossa instituição. No entanto, utilizamos leituras complementares, como "Egito: história antiga da filosofia africana", que busca explorar as noções filosóficas e fundamentos que caracterizam a filosofia afro-brasileira. José P. Castiano, em sua obra "Referenciais da filosofia africana Em busca da intersubjetivação", destaca a evolução da filosofia africana e a necessidade de uma intersubjetivação. Este processo é relevante para o desenvolvimento crítico da filosofia na capoeira e nas manifestações populares no Brasil. Théophile Obenga, egiptólogo e historiador, analisa o pensamento especulativo do antigo Egito, conhecido como Kemet, argumentando que a filosofia africana deve ser entendida dentro de seu contexto histórico. Por outro lado, "A Invenção das Mulheres: Construindo um Sentido Africano para os Discursos Ocidentais de Gênero", de Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí, desafia as categorias ocidentais de gênero, oferecendo uma nova perspectiva sobre a história e cultura africana. Esta obra é relevante para uma análise crítica das relações de gênero, desconstruindo categorias ocidentais e promovendo uma compreensão mais abrangente das mesmas. Os estudos realizados contribuem para uma visão mais ampla e crítica da filosofia africana e das relações de gênero em perspectiva africana.

Palavras-chave: Arte; corpo; Dança; Filosofia.

UNILAB, Campus dos Malês, Discente, pretalaurinda7@gmail.com[1]
UNILAB, Campus dos Malês, Docente, elizia@unilab.edu.br[2]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

A crítica de Castiano à etnofilosofia destaca a necessidade de diálogo horizontal entre saberes tradicionais e acadêmicos, especialmente no contexto da filosofia oral e escrita das manifestações populares. Obenga enfatiza a diversidade de tradições filosóficas na África, ressaltando a importância de não considerar a filosofia africana como um monólito, mas sim como um conjunto de diferentes escolas de pensamento. Por sua vez, Oyèrónkẹ́ Oyèwúmí questiona a imposição de conceitos ocidentais nas culturas africanas, defendendo a prioritária análise das categorias e conceitos indígenas. Em particular, ela critica a interpretação eurocêntrica de conceitos como gênero e sexualidade, argumentando que a aplicação dessas categorias sem considerar as perspectivas locais distorce a realidade e perpetua estereótipos. Oyèwúmí destaca a complexidade da identidade de gênero em diversas culturas africanas, ressaltando a interação de vários fatores para definir essa identidade, como sexo, idade, status social e espiritualidade. Essas reflexões apontam para a importância do respeito e da valorização das diferentes perspectivas filosóficas e culturais no contexto africano.

METODOLOGIA

No decorrer da nossa pesquisa, foram realizadas várias atividades, tais como leituras de textos filosóficos que se adequasse ao tema, fichamentos, resumos, oficinas, grupos de estudos, que ajudaram na produção e realização da pesquisa. Quanto ao método de pesquisa para o nosso levantamento de dados e construção da pesquisa, foi utilizada a pesquisa bibliográfica como qualquer outra, desenvolvendo-se ao longo de uma série de etapas (leituras, fichamentos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura e discussão com o texto de Castiano serviram a dois propósitos: 1 como desenvolvimento crítico e metodológico de intersubjetivação da filosofia na capoeira e nas manifestações populares no Brasil, 2 como uma continuidade para o diálogo com as produções de filosofia em língua portuguesa, visando inserir o pensamento brasileiro no contexto de produção filosófica do países da CPLP. Este segundo objetivo já vem à guisa de justificativa da importância desse projeto para a Unilab, instituição que o acolhe e que se insere nos acordos de cooperação da CPLP. O contato com o referido professor e filósofo já foi estabelecido para que possamos contar com sua contribuição para essas discussões. Além disso, conforme exporemos na metodologia, esse projeto dialoga com um importante instrumento legal recentemente aprovado na instituição, a Resolução Consepe/Unilab n° 53, DE 11 de fevereiro de 2021 que Aprova a criação do título de Notório Saber em Artes, Ofícios e Cosmologias Tradicionais e regulamenta a expedição do certificado no âmbito da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira (Unilab). Por fim, recentemente viu-se reacender o debate sobre a existência de uma filosofia no Brasil. Sobre isso, inclusive, foi publicado um dossiê na revista Cult em abril sobre A história da Filosofia no Brasil. Também temos a importante publicação do livro Arruaças, uma filosofia popular brasileira de Luiz A. Simas, Luiz Rufino e Rafael Haddock-Lobo (2020) que pauta a filosofia popular brasileira como aquela está nas ruas e nas experiências cotidianas e ancestrais. Pensar a filosofia (aliás, pensar em geral) em países colonizados é, invariavelmente, enfrentar questões sobre os prejuízos coloniais, tais como a reprodução e adoção de sistemas dos colonizadores, como o ocultamento de saberes dos povos subjugados pelo processo, ou epistemicídio. Assim, pensar uma filosofia brasileira em afro perspectiva é, de algum modo, enfrentar

ISSN: 2447-6161

também esse importante resgate das diversas confluências de pensamento que compõem aquilo que hoje chamamos Brasil.

A pesquisa revelou que a filosofia africana emerge como uma resposta crítica ao eurocentrismo, que historicamente desvaloriza os conhecimentos e saberes africanos, tratando-os como inferiores. Como aponta Castiano (2010, p27), "No período mais obscuro da história dos negros, especialmente durante a escravidão nos Estados Unidos, encontramos referências de objetificação e subjetivação. Ambos os conceitos buscam explicar a posição do negro escravizado na sociedade norte-americana". É importante ressaltar que, embora a citação se refira à experiência americana, a situação dos negros escravizados na África também era marcada por condições desumanas e cruéis. Ampliando a discussão sobre a escravidão, Castiano afirma que as condições de vida dos escravos eram péssimas. Eles eram submetidos a situações miseráveis e desumanas. E sobre a Objectivação e Subjectivação busca encaminhou-nos sobre reflexão e a importância da subjetivação na luta contra a opressão, utilizando o exemplo da escravidão nos Estados Unidos. Os abolicionistas brancos, apesar de defenderem os escravos, muitas vezes os objetificavam, utilizando-os como ferramentas para fortalecer seus argumentos. A participação dos próprios escravos nas manifestações, porém, demonstrava a busca por subjetivação, por serem reconhecidos como sujeitos com voz própria e capacidade de construir suas próprias narrativas.

O vínculo entre escravidão e objetificação na perspectiva filosófica é profundo e complexo. A escravidão, ao reduzir indivíduos a objetos de propriedade, representa a negação da própria humanidade do escravizado. Essa negação se manifesta na objetificação, que consiste em desconsiderar a individualidade, a autonomia e a dignidade do outro. A escravidão, portanto, não apenas priva os indivíduos de sua liberdade física, mas também de sua dignidade e capacidade de autodeterminação. A objetificação é um elemento fundamental desse processo de desumanização, que tem consequências profundas para a vida social e política. É importante lembrar que a escravidão não é apenas um fenômeno histórico. A objetificação se manifesta em diversas formas de opressão, como o racismo, o sexismo e a exploração, e continua a ser um desafio para a construção de uma sociedade justa e igualitária.

Os precursores da Escola Moçambicana de Filosofia Africana tiveram papel importante nas transformações político-sociais de Moçambique desde a independência em 1975. A abordagem da escola é pragmática, com Ngoenha introduzindo o "paradigma libertário" da Filosofia Africana, enfatizando a busca contínua pela liberdade e a necessidade de uma abordagem filosófica mais ativa no desenvolvimento. Castiano complementa essa visão ao destacar as quatro liberdades que a Filosofia Africana deve alcançar: essencialismo, religião, validação da oralidade e língua. Ele defende a necessidade da Filosofia Africana se libertar de sua própria africanidade, promovendo a criação de espaços de diálogo intercultural filosófico para tornar a filosofia mais interventiva socialmente e epistemologicamente. A escola moçambicana busca a "glocalização" da Filosofia, abordando os desafios atuais de desenvolvimento do continente.

E também descrevemos as condições desumanas enfrentadas pelos escravos, como o trabalho árduo, chicoteamentos injustificados, condições precárias de vida e constante ameaça de serem vendidos a novos donos. Os abolicionistas brancos, por solidariedade, articulavam as condições dos escravos em discursos escritos e orais, enquanto reconheciam a importância das vozes internas dos próprios escravos. A participação dos escravos nas manifestações emprestava credibilidade e autenticidade aos esforços abolicionistas.

Além disso, Castiano destaca a importância da narrativa crítica dos ex-escravos, que descreviam as atrocidades da escravidão, a fuga para a liberdade e a adesão ao abolicionismo. Os escravos americanos buscavam ser sujeitos na construção do discurso sobre sua condição de existência e não apenas objetos das ações dos abolicionistas brancos. A subjetivação dos afro-americanos era essencial para sua liberdade e

ISSN: 2447-6161

emancipação.

Entretanto, Castiano nos leva a intersubjetivação e o que seria então? Para ele, a intersubjetivação é um processo de diálogo e reconhecimento mútuo entre diferentes sujeitos, visando a construção de um conhecimento compartilhado e a superação das hierarquias epistemológicas. O autor faz uma reflexão sobre como a filosofia africana aborda esses referenciais de objetivação e subjetivação, questionando se a subjetivação é o fim e como esses referenciais são considerados na evolução da filosofia africana. Também menciona a objetivação dos nativos africanos pelos europeus, exemplificando com o caso do missionário suíço Henri-Alexandre Junod em Moçambique e sua interação com os habitantes locais na coleta de informações e espécimes.

Destaca-se ainda a importância do diálogo argumentativo na filosofia e a responsabilidade do autor ao escrever um texto filosófico. Castiano destaca a importância da oralidade como um modo de conhecimento fundamental para a sabedoria tradicional africana, frequentemente relegada a um segundo plano no ambiente acadêmico, é um repositório rico de conhecimento, valores e sabedoria que precisa ser integrado ao debate filosófico.

CONCLUSÕES

Conclui-se que a intersubjetivação proposta por Castiano promove o diálogo e o reconhecimento mútuo entre diferentes sujeitos, visando a construção de um conhecimento compartilhado e a superação das hierarquias epistemológicas. Destaca-se a crítica ao racismo epistêmico que marginalizou os saberes tradicionais africanos, silenciando outras formas de conhecimento. A intersubjetivação busca integrar a sabedoria popular com a filosofia acadêmica, promovendo um diálogo inclusivo entre diferentes sujeitos.

O conceito de intersubjetivação oferece uma abordagem inovadora para a filosofia africana, visando construir um conhecimento mais completo e relevante para a sociedade. A aplicação desse conceito em diversos campos pode promover a justiça social, a diversidade cultural e o desenvolvimento de uma sociedade mais equitativa. A filosofia, como um diálogo intersubjetivo, requer o engajamento com as ideias dos outros em busca da verdade e justiça.

A crítica de Ngoenha instiga a repensar a etnofilosofia e a construir uma filosofia africana que dialogue com as tradições e a modernidade, visando um futuro mais justo e próspero. A busca por conhecimento e sabedoria, inspirada na filosofia egípcia antiga, estimula o constante diálogo e a construção de uma filosofia baseada na intersubjetividade para uma sociedade mais equilibrada e justa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço sinceramente a FAPESB pelo financiamento da nossa pesquisa, foi por meio dela que ampliou minha compreensão e abordagem na filosofia através do nosso tema O método da intersubjetivação no pensamento brasileiro. Foram momentos de aprendizado no decorrer da busca, dedicação e finalmente, conseguimos alcançar resultados significativos.

REFERÊNCIAS

CASTIANO, José Paulino. Referenciais da filosofia africana: em busca da intersubjectivação. Maputo: Ndjira, 2010

ISSN: 2447-6161

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

OBENGA, Théophile. Egito: história da antiga filosofia africana. São Paulo: Ática, 2008. OYÈRÓNKẸ́, Oyěwùmí. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

ISSN: 2447-6161